

**Faculdade de Educação da USP/ Seminário: Epistemologia e Didática.
Coordenador. Prof. Dr. Nilson J. Machado**

04/11/2005 - FOUCAULT E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Silvanio de Andrade – silvanio@usp.br ou silvanioandrade@ig.com.br

Para Foucault, o papel da filosofia não é descobrir verdades ocultas, mas tornar visível exatamente o que já está visível, ou seja, fazer aparecer o que está tão perto, o que é tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos e exatamente por isso, não o percebemos. Fazer ver o que vemos, são as relações de poder que é preciso interrogar.

Segundo Michel de Certeau (apud Artières: 2004, p. 15-16), Foucault identificou os movimentos, as forças que não conhecemos e que, não obstante, atravessam nosso presente. Da *História da loucura na idade clássica* (1961) à *Vontade de saber* (1976), suas *ficções históricas* tinham a mesma mirada: diagnosticar as forças que constituem nossa atualidade e que ainda a movimentam. Ele tenta, desse modo, provocar “uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos de nosso passado”.

Mas, o que é atualidade? É o que se passa hoje, o agora. Esse agora, é definido a partir de um lugar. Quem define o momento que se escreve? De onde se fala? De que lugar se fala? Para perguntar o quê? Para problematizar a própria atualidade discursiva, colocar em discussão a própria pertinência.

O passado é olhado sobre uma perspectiva do presente, ou seja, uma reconstrução arqueológica e genealógica do passado sobre a ótica do presente. Ele não faz história dos fatos. Mas, ele tematiza/problematiza o modo como os fatos aparecem nas práticas. Por quê determinados objetos entram na ordem do discurso e não outros. A problematização revela um campo de lutas – o homem no interior dos discursos.

Foucault é um pesquisador da descontinuidade, que perturba, que é curioso, que surpreende, mas rigoroso no sentido cartesiano do termo. Foucault pensa o impensável. Poder pensar diferente. Um exercício intelectual de duvidar das coisas. Está aberto ao inusitado.

O **método** consiste, para Foucault, em compreender que as coisas não passam de objetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe. A **teoria** não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, não totalizadora. Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso. Luta não para uma "tomada de consciência" (há muito tempo que a consciência como saber está adquirida pelas massas e que a consciência como sujeito está adquirida, está ocupada pela burguesia), mas para a destruição progressiva e a tomada do poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-los. Uma "teoria" é o sistema regional desta luta.

A partir de Foucault, afirmamos que pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação. A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar. Os objetos não se encontram no mundo à espera de alguém que venha estudá-los. Para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora, munida de uma aparatosa teórico fecundo, problematize algo de forma a constituí-lo em objeto de investigação. O olhar inventa o objeto e possibilita as interrogações sobre ele.

E é necessário perceber o discurso como uma prática que forma sistematicamente os objetos de que fala. O principal objetivo da análise é descrever os enunciados do discurso.

A metodologia foucaultiana de pesquisa é baseada principalmente na análise de discursos, incluído, por exemplo, estudos de documentos, de casos institucionais, depoimento de pessoas e histórias de vidas pessoais.

Se entendermos também “método”, como uma “certa forma de interrogação e um conjunto de estratégias analíticas de descrição, poderemos então dizer que a arqueologia e a genealogia são mesmo métodos que Foucault tomou emprestados de Nietzsche para desenvolver suas análises históricas. Seja como for, o método em Foucault tem também o sentido de “determinadas formas de análise muito específica”, algo que funciona sempre como uma vigilância epistemológica que tem, no fundo, uma teorização subjacente.

Mas, vale ressaltar que a rigor, não existe algum método foucaultiano e em vez de se falar em uma teoria foucaultiana, talvez seja mais adequado falarmos em teorizações foucaultianas.

Ainda, Segundo Veiga-Neto (2004), se quisermos adotar uma perspectiva foucaultiana, não devemos partir de conceitos, nem devemos nos preocupar em chegar a conceitos estáveis e seguros em nossas pesquisas, já que acreditar que eles tenham tais propriedades é acreditar que a própria linguagem possa ser estável e segura – uma suposição que não faz o mínimo sentido nessa perspectiva. Muito mais instigante e produtivo é formular problemas/ questões, perguntar e examinar como as coisas funcionam e acontecem, assim como ensaiar alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras.

Não há muito sentido em alguém se declarar foucaultiano, visto que segui-lo significa, necessariamente, tentar sempre usá-lo e ultrapassá-lo, deixando-o para trás. Assim, ser fiel à sua filosofia significa, ao mesmo tempo, ser-lhe infiel, sem que aí exista necessariamente uma contradição. Trata-se então, de uma fidelidade negativa. (Ibid., p.24-5)

Na verdade, Foucault às vezes é desconcertante e até mesmo um enigma. O que o move é, no fundo, uma permanente suspeita, suspeita que se contorce e se volta até mesmo contra sua própria filosofia e sua intensa militância política, como se ele quisesse se libertar até de si mesmo.

Foucault toma o presente como foco obstinado de suas pesquisas. Para isso é necessário inquirimos a todo instante: como se pode ser diferente do que se é, pensar diferente do que se pensa, fazer diferente do que se faz.

Para Foucault, a atividade filosófica está por excelência no hoje que experimentamos. Ele olha o presente como feixe regular de acontecimentos dispersos. Uma vez que a história, o melhor, que sua compreensão da história não clama por processos causais supostos por princípios contínuos, tampouco a liberdade da consciência do indivíduo como que engendrando quaisquer novidades, teremos que admitir que tudo de que se trata quando pinçamos esta matéria do presente é que ela é o resultado de acasos e de alguma regularidade no nível dos acontecimentos.

Na Educação Matemática particularmente, consideramos que a definição, feita por Kilpatrick (1992,), de pesquisa como um inquérito disciplinado, converge com o pensamento de Foucault. Uma definição amplamente proveitosa de pesquisa é a de pesquisa como um inquérito disciplinado (disciplined inquiry). O termo inquérito sugere que o trabalho visa responder uma questão específica; ela não é uma especulação vazia. O termo disciplinado sugere não apenas que a investigação seja guiada por conceitos e métodos de disciplinas tais como Psicologia, História, Filosofia ou Antropologia, mas também que seja desenvolvida de modo que a linha de investigação possa ser examinada e verificada. Inquérito disciplinado não precisa ser “científico” no sentido de ser baseado em hipóteses empiricamente testáveis, mas qualquer bom trabalho científico deveria ser scholarly (estudado detalhadamente), público e aberto a críticas e possíveis refutações. Pesquisa em educação matemática é então inquérito disciplinado em ensino e aprendizagem da matemática (Kilpatrick, 1992).

Bibliografia

- ARTIÈRES, P. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, F. (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 15-37.
- CARNEIRO, V. C. Educação matemática no Brasil: uma meta-investigação. *Quadrante*, Lisboa, v. 9, n.1, p. 117-46, 2000.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. R. Ramallete. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.
- _____. *História da Loucura*. Trad. José T. Coelho. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004b.
- _____. *A arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.
- _____. *A ordem do discurso*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004d.
- _____. *As palavras e as coisas*. Trad. S. T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *O nascimento da clínica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. R. Machado. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985a.
- _____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. M. T. C. Alburquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985b.
- _____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. M. T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- KILPATRICK, J. A history of research in mathematics education. In: GROUWS, D. A. (Ed.) *Handbook of research on mathematics teaching and learning*. New York: Macmillan, 1992. cap. 1, p. 3-38.
- _____. & SIERPINSKA, Anna (Eds.). *Mathematics education as a research domain: a search for identity*. Dordrecht: The Netherlands, 1998.
- MOTTA, M. B. da (Org.). *Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v.1 (2.ed. 2002), v.2 (2.ed, 2005), v.3(2001), v.4 (2003) e v.5 (2004).
- QUEIROZ, A. *O presente, o intolerável ... : Foucault e a história do presente*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- VEIGA NETO, A. *Foucault & a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.